

ARTIGOS

(RE)VER O MUNDO PARA LER O ESPAÇO: EXISTÊNCIA E (AUTO)CONHECIMENTO NA GEOGRAFIA HUMANISTA

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior¹

Universidade Federal de Goiás

Maria Geralda de Almeida²

Universidade Federal de Goiás

Enviado em 16 abr. 2017 | Aceito em 18 abr. 2021

Resumo: A considerar as proposições da fenomenologia existencialista, principalmente respaldada em Merleau-Ponty, o texto analisa as possibilidades explicativas acerca das lógicas vigentes na prática de pesquisa dos geógrafos humanistas. Por meio do conceito de mundo e de sua inseparabilidade do sujeito que nele se insere, visa-se decifrar as espacialidades do cotidiano e compreender as maneiras pelas quais os seres humanos vivem em sua geograficidade. A metodologia empregada foi revisão bibliográfica e correlação com as teorias da fenomenologia. Entende-se que é fundamental a adoção de uma postura de aventura e curiosidade em relação ao cosmo em que o geógrafo se insere para que seja possível ler efetivamente o espaço.

Palavras-chave: fenomenologia; ser-no-mundo; geograficidade.

(RE)VIEW THE WORLD TO READ THE SPACE: EXISTENCE AND (SELF)KNOWLEDGE AT HUMANISTIC GEOGRAPHY

Abstract: Considering the propositions of existentialist phenomenology, mainly based on Merleau-Ponty, the text analyzes the explicative possibilities of the major logics at the humanistic geography practices are analyzed. By the means of the concept of world and its inseparability from the subject that inserts itself into it, it attempts to unravel the spacialities of daily life and comprehend the ways in which human beings live their geographycity. The used methodology was bibliographical revision and correlation to phenomenological theories. It is understood that the assumption of an adventurous and curious posture in relation to the cosmos where the geographer is fundamental in order to read effectively the space.

Keywords: phenomenology; being-in-the-world; geographicality.

(RE)VUE LE MONDE POUR LIRE L'ESPACE : EXISTENCE ET (AUTO)CONNAISSANCE A LA GEOGRAPHIE HUMANISTE

Résumé: Au considérer les propositions de la phénoménologie existencialiste, particulièrement cette appuyée en Merleau-Ponty, cet essai analyse les possibilités explicatives sur les logiques en vigueur dans les pratiques de recherche des géographes humanistes. À travers du concept de monde et de son inséparabilité avec le sujet qui est dessus, on vise déchiffrer les spatialités du quotidien et comprendre les façons par lesquelles les êtres humains vivent en son géographicité. Les méthodologies utilisées ont été le révision bibliographique et corrélation avec les théories de la phénoménologie. On entend que l'adoption d'une posture de curiosité et aventure en relation au cosmo où le géographe est inséré est fondamentale pour la possibilité de lire effectivement l'espace.

Mots clé: phénoménologie; être-au-monde; géographicité.

1. Doutorando em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG), mestre em Geografia pelo IESA/UFG, graduado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2630-657X>. E-mail: carlosroberto2094@gmail.com.

2. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG), doutora em Geografia pela Université de Bordeaux III, mestre em Geografia pela Université de Bordeaux III e graduada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4765-3354>. E-mail: mgdealmeida10@gmail.com.

Apontamentos iniciais

A retomada recente das discussões acerca das abordagens culturais em geografia tem acalentado debates quanto às proposições teórico-metodológicas da perspectiva humanista. Fora do ostracismo provocado pelo dogmatismo e totalitarismo metodológico imposto durante as décadas de 1970, 1980 e 1990 (AMORIM FILHO, 2007; ALMEIDA, 2008), nos anos recentes os geógrafos humanistas vêm adquirindo certo protagonismo.

Pautados em abordagens diversas da fenomenologia, seja esta existencial, poética ou transcendental, esses constroem uma geografia fundamentada no conceito de lugar como forma de entender a percepção e sentido que os sujeitos atribuem aos espaços em que se inserem. Na relação com o mundo vivido, os pesquisadores dessa perspectiva visam compreender aspectos simbólicos e existenciais das espacialidades.

Pela consubstancialização do existir como ser-no-mundo, os fenomenólogos destacam que é necessário decifrar as experiências e lógicas de vida dos diferentes grupos e sujeitos sociais. Entende-se, portanto, que a autorreflexão do geógrafo acerca de sua experiência espacial cotidiana pode ser um caminho para rever o mundo e imergir na leitura do espaço geográfico. Na retomada desses elementos das geografias heroicas e de velas desfraldadas (DARDEL, 2011), é possível compreender a dinamogenia do universo que se abre para além dos componentes materiais da existência.

Desse modo, no texto intenta-se propor um repensar acerca dos posicionamentos dos geógrafos, em particular da perspectiva humanista, na condição de seres-no-mundo. Por meio desse aporte, se faz possível idealizar uma postura de aventura e curiosidade em relação ao mundo em que se inserem. Na intencionalidade respalda-se uma postura de *desver* a realidade sistemática da ciência tradicional em prol de um cosmo em que o homem vive sua geograficidade.

Para tanto, buscou-se relacionar a bibliografia geográfica concernente com as temáticas abordadas pela filosofia fenomenológica existencialista de Merleau-Ponty. Também são elaboradas relações com temáticas afins da Geografia Cultural, renovada para que se possa atingir maior compreensão das abordagens adotadas. O texto se divide em duas partes: a primeira aborda o histórico e os principais elementos da Geografia Humanista; a segunda se propõe a relacionar o ser-no-mundo com a geograficidade da prática de pesquisa do geógrafo.

O pesquisar na Geografia Humanista

Em meados do século XX, até os anos 1970, a Geografia se atentou em transitar por uma vertente primordialmente pautada no neopositivismo. Era uma ciência quantitativa que se ocupava da espacialização de fenômenos, sejam humanos ou da natureza. Essa geografia se preocupava com questões referentes à área, forma e cartografia como fins em si mesmos.

Por esse caminho intentava alcançar *status* efetivo de ciência a partir das mesmas lógicas que regiam as ciências clássicas. Contudo, devido às mudanças técnicas, informacionais e sociais ocorridas ao longo das décadas posteriores, essa maneira de atuar se mostrou insatisfatória para muitos pesquisadores (CLAVAL, 2014). As explicações necessárias para um mundo de constantes e aceleradas metamorfoses exigiam que os geógrafos fossem para além do inventário e quantificação.

Ao mesmo tempo, surgiram incômodos quanto ao fato de que havia se perdido algumas das características fundamentais que fizeram dessa disciplina uma ciência moderna desde meados do século XIX. Na geografia tradicional, a atenção aos modos de vida e às relações homem-natureza,

ainda que centrada no reducionismo da descrição regionalista, colaborava na construção de uma ciência humana (ALMEIDA, 2008).

A considerar esses dois elementos, na Geografia Humana se desenvolveram durante a década de 1970 dois grupos de geógrafos, um pautado na construção de uma Geografia Radical, fundamentada no materialismo histórico-dialético estruturalista; e outro, sobre o qual esse texto centra-se, focado na formação de uma Geografia Humanista, baseada nas diversas propostas fenomenológicas (poéticas, transcendentais e existencialistas/existenciais). Como um dos pioneiros, Tuan (1982, p. 143) propõe que “a Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição”.

Por meio dessa proposição, com particular dispersão nos países Anglo-Saxões (CLAVAL, 2014), busca-se a retomada de aspectos da geografia tradicional, mas os atualizando para refletir acerca da condição humana. Gomes (2010, p. 313) aponta que “trata-se de reintroduzir, através do humanismo, os conceitos de base da geografia clássica, como os de gênero de vida” de modo a incorporar a percepção e experiência dos sujeitos aos estudos geográficos.

Para Adams, Hoelscher e Till (2001, p. 16), “emulating their late-nineteenth and early-twentieth-century counterparts (George Perkins Marsh, Vidal de la Blache, J. K. Wright), they examined literary texts, art, photography, and film”³. Também há uma retomada do diálogo com a arte como maneira de evocar as representações subjetivas do espaço que são projetadas em toda obra humana. As sensibilidades do mundo apresentado pelo cotidiano e capturadas pelos artistas oferecem prospecção de humanização da disciplina.

Salienta-se ainda que “nunca houve um afastamento efetivo da geografia cultural, mas uma procura em se distinguir dos que se utilizavam do positivismo como método” (HOLZER, 2008, p. 146). Por não serem reciprocamente a mesma coisa, a Geografia Humanista apresenta diversas contribuições para o movimento de renovação da Geografia Cultural desde a década de 1970 (ALMEIDA, 2008), assim como a última subsidia no afastamento das perspectivas de descrição e observação retomadas pelos humanistas.

De acordo com Claval (2014, p. 240), “a geografia humanista traz uma lufada de frescor a uma disciplina que a estatística tinha um tanto ressacado” por conta de seu foco consciente naquilo que se refere ao homem. Volta-se à preocupação com a maneira pela qual os sujeitos pensam, constroem e fazem suas espacialidades da vida cotidiana. Os gêneros de vida e saberes populares permeiam discussões de interesse geográfico retomado.

Entrikin e Tepple (2006, p.31) ressaltam que “they challenged what they viewed as an overemphasis on analytic simplicity that seemed to distance human geography from the creative and chaotic flux of everyday life”⁴. Ao se opor ao positivismo e aos neopositivimos, apresentaram a proposta de compreensão da vida como ela efetivamente transcorre por aqueles que a vivem. É humanista porque compreende o humano em sua centralidade significativa, como aquele que realmente faz do mundo um todo coerente.

Se “por humanismo pode-se entender uma teoria que toma o ser humano como fim último e como valor supremo” (SARTRE, 2014, p. 42), compreende-se que essa perspectiva geográfica decifra o espaço *por meio do* e *com fim em* entender o humano. Apesar da aparente soberba antropocentrista, não há um posicionamento de ver a humanidade enquanto acima do mundo, mas decifrá-los em sua indissociabilidade e sensibilidade ativa.

3 “Emulando suas contrapartidas do final do século XIX e início do século XX (George Perkins Marsh, Vidal de la Blache, J. K. Wright), eles examinaram textos literários, arte, fotografia e filmes” (ADAMS; HOELSCHER; TILL, 2001, p. xvi, tradução livre).

4 “Eles desafiaram o que viam como uma ênfase excessiva na simplicidade analítica que parecia distanciar a geografia humana do fluxo criativo e caótico do cotidiano” (ENTRIKIN; TEPPLE, 2006, p. 31, tradução livre).

Marandola Júnior (2010, p. 13), em uma perspectiva mais próxima a Heidegger, defende que ser humanista “envolve pensar e fazer prosperar o que há de humano no homem: sua humanidade”. Para o autor, é na sustentação daquilo que sobrepõe a linearização das temporalidades e espacialidades, no acatar das emoções, afetividades e sensibilidades que se manifesta um humanismo pleno. O humano, nesta leitura, refere-se a um sujeito constantemente ativo que dá sentido ao ser existir e é livre.

Esse ponto de vista é importante por possibilitar compreensões do social centradas na escala do humano. Segundo Gomes (2010, p. 323), ela “trata exatamente das representações de ordem simbólica que estruturam uma atitude e uma concepção dadas em relação a um espaço de referência”, de modo a partir da perspectiva dos sujeitos que vivem essas espacialidades para interpretar suas representações.

Como ressalta Almeida (2008, p. 35), “adotando a visão humanista, o geógrafo com certa firmeza e consenso, não se contenta de estudar o homem que apenas produz e amplia para uma análise mais rica do indivíduo e da sociedade, do homem que pensa, que cria”. Em transcendência às perspectivas materialistas e neopositivistas, os humanistas visam decifrar um sujeito que não é apenas um trabalhador (no sentido marxista) ou produtor/indicador demográfico (no nexo positivista).

Ao abarcar “o esforço que sempre fizeram para se elevar, pela consciência, fora do cotidiano, do contingente, a fim de encontrar um significado para a sua experiência” (CLAVAL, 2014, p.233), os geógrafos humanistas oferecem possibilidades de ressaltar a inseparabilidade entre os componentes materiais e simbólicos da existência. Outrossim, trouxeram de volta para a geografia contemporânea as possibilidades de se discutir cultura e simbolismo, que estavam presentes de maneira incipiente nos geógrafos tradicionais que discorriam sobre gêneros de vida e paisagens-regiões, como Vidal de LaBlache e Humboldt (CLAVAL, 2014).

Essa proposição de retorno às origens da disciplina se manifesta como resposta e contraponto ao pensar cartesiano e se nutre de diversas fontes. De acordo com Imazato (2005, p. 513), “the intellectual sources of such humanistic geography can be distinguished in two directions: humanities and social sciences. The former was mainly advanced by Tuan and Relph”⁵, que se aproximaram de temas da psicologia, arquitetura, filosofia e artes. Ainda que com divergências, os dois geógrafos anglo-saxões evocam a discussão do espaço para além daquilo que é aparente e visível.

Para Tuan (1982, p. 162), a preocupação do geógrafo “é esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar” para construir um arcabouço acerca da experiência espacial humana. Pelo seu pensamento, fundamentado na fenomenologia poética de Bachelard, os procedimentos interpretativos dos geógrafos são pautados em observações acerca da maneira como o espaço habitado se define por meio das humanidades.

Segundo Buttimer (1993, p. 59), antes de Tuan acreditava-se que “geographers should focus on space, the outer sense; to historians belonged the study of time, the inner sense, and all that this implied in terms of emotion and human experience”⁶. A incorporação do posicionamento existencial e fenomenológico ocasionou na possibilidade dos geógrafos também explorarem

5 “As fontes intelectuais dessa Geografia Humanista podem ser distinguidas em duas direções: das humanidades e das ciências sociais. A primeira foi avançada primordialmente por Tuan e Relph.” (IMAZATO, 2007, p.513, tradução livre).

6 “Geógrafos deveriam se focar no espaço, no sentido externo; já o estudo do tempo, do sentido interno, ficava para os historiadores junto com todas as implicações em termos de emoção e experiência humana.” (BUTTIMER, 1993, p.59, tradução livre).

sentidos internos relativos a seu campo de estudo. As emoções e experiências humanas, argumentam Buttimer (1993) e Tuan (2013), não são somente temporais, conectadas a uma memória sem local, mas indissociavelmente espaciais⁷.

Nas formulações em que se embasa Tuan (2013), o espaço abstrato, geométrico e matemático, é transcendido pelos sentidos humanos que o habitam (BACHELARD, 2008). Sua perspectiva se enquadra na concepção de que “uma simples imagem, se for nova, abre um mundo. Visto das mil janelas do imaginário, o mundo é mutável” (BACHELARD, 2008, p. 143), investida que proporciona uma possibilidade de interpretar as poéticas do espaço por meio do lugar.

Pela leitura fenomenológica do mundo, o nexos é analisar como os espaços indiferenciados e abstratos se transformam em lugares (TUAN, 2013). Holzer (1999, p. 70) considera que “a preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos” de modo a tornar esse o principal conceito desse grupo de pesquisadores.

Associados, paisagem e lugar, conceitos-chave da Geografia Humanista, possibilitam leituras das diferentes formas de interagir no mundo e arquitetar espacialidades ricas em subjetividades. Desta maneira, o mundo deve ser entendido em sua vivência, na multiplicidade de experiências que se fazem a partir da maneira pela qual os sujeitos existem pelas rupturas das imposições.

Essa perspectiva assenta-se em uma interação constante com os sujeitos que vivem no/do espaço, de modo a estabelecer diálogos pautados na alteridade e empatia. Entre suas principais contribuições, a Geografia Humanista aponta para “the potential of research as a process of empowerment to subjects” (RODAWAY, 2006, p. 270)⁸. Pela abordagem em campo de propor conversas, imersões e interações que vão para além dos roteiros tradicionais, e consideram ser possível fazer os sujeitos (e si mesmos) repensarem sua posição no mundo. Dessa maneira, a própria pesquisa é vista como um processo emancipatório em que os lugares são postos como núcleos de significados e ação.

Claval (2014, p. 224) aponta que “a fenomenologia transformou as perspectivas dos geógrafos que a descobrem, porque lhes revela que os lugares não são pontos anônimos num espaço neutro; a Terra não é uma superfície terrestre”. Na retomada das especificidades e significações dos espaços que os sujeitos habitam e transformam, os geógrafos humanistas podem oferecer um ponto de vista de desvelamento da realidade que perpassa pela noção de um espaço que se cria dialeticamente na relação sujeito-mundo. Indaga-se, desse modo: como esse nexos afeta a Geografia?

Aventura e curiosidade geográfica na geografia contemporânea

Merleau-Ponty (1973) considera que há reciprocidade entre as ciências humanas e a fenomenologia e “este acordo nos promete uma solução para o problema das relações entre ciências do homem e filosofia” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 64). Pelas contribuições dos fenomenólogos, surgem na ciência geográfica caminhos para rever outras grafias da Terra.

Por esse embasamento de uma espécie de “antropologia filosófica” emerge a possibilidade de abarcar elementos hodiernos da experiência espacial dos sujeitos em relação ao/no mundo. As incursões espaciais que os humanos realizam em seus cotidianos, desta forma, podem ser lidas como temas importantes para compreender as percepções e sensações. Ao ultrapassar as

7 Ressalta-se que essa linha de estudos repercute atualmente nas Geografias da Emoção e Afetividade, conforme delinea Pile (2010).

8 “O potencial da pesquisa como processo de empoderamento dos sujeitos” (RODAWAY, 2006, p.270, tradução livre).

materialidades e visibilidades da Terra a serem decifradas, a perspectiva fenomenológica permite uma abordagem holística e (multi)relacional.

Silva (1988, p. 127) destaca que é substantivo “construir o conhecimento geográfico a partir de uma visão não fragmentada do mundo”, que consiga abarcar a densidade dos vínculos e das práticas humanas em todas as dimensões. A fenomenologia oferece uma perspectiva de compreender os fenômenos espaciais do modo como eles se apresentam para nossa consciência. Reaprender a ver o mundo, propõe Merleau-Ponty (2011), permite abranger sujeitos que vivem de maneira ativa nesse cosmo.

Para que seja possível entender as relações espacializadas dos seres humanos em sua densidade existencial é fundamental que se realize um processo de imersão no universo a ser investigado. Na concepção dos geógrafos humanistas, o lugar e suas espacialidades não podem ser vistos ou cartografados somente racionalmente, pois se apresentam pela experiência relacional daquele que o vive, seja efetivamente ou como representação.

Sem um sujeito que, por meio de sua consciência, efetive a existência do espaço, tudo que existe é abstração. De acordo com Gomes (2010, p. 328, grifos no original), “a nova importância da fenomenologia é dada pela compreensão do *lived world*, que relativiza a verdade única do método racional”. Valoriza-se, desse modo, as interpretações e percepções de cada indivíduo ou grupo social a ser estudado. Se esse mundo é vivido, ele se refere ao repertório existencial do cosmo daquele que nele habita.

Por transcender a condição de substrato, o mundo (vivido) é visto em sua inseparabilidade do sujeito. A fenomenologia existencialista considera que “o sujeito é *ser-no-mundo*, e o mundo permanece ‘subjeto’, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 576, grifos no original). Mundo e sujeito se retroalimentam porquanto a consciência se encontra sempre a trabalhar ativamente em um mundo pré-existente e, simultaneamente, esse mundo só tem sentido porque essa consciência o atribui.

Segundo Wrathall (2006, p. 38), “what we experience as we move through the world temporally and spatially is the unfolding of a unity, the changing aspects of a unified whole that precedes and underwrites my particular apprehension of it”⁹. Esse mundo, reciprocamente, também é afetado pela maneira em que o sujeito se *desloca* por ele. É pela experiência criativa advinda da percepção e interpretação que as práticas cotidianas arquetizam modos de viver as espacialidades.

Destarte, “a coisa e o mundo só existem vividos por mim ou por sujeitos tais como eu, já que eles são o encadeamento de nossas perspectivas, mas transcendem todas as perspectivas porque esse encadeamento é temporal e inacabado” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 447). O mundo vivido é sempre uma relação entre uma consciência, *ser para-si* e *em-si*, e um cosmo de *seres em-si* cujos significados são atribuídos por esse ser *para-si*.

Isso se manifesta porquanto, como discorre Wrathall (2006), o mundo é um fenômeno existencial em seu próprio direito. Para a fenomenologia existencialista, “we are not primarily thinking beings, but rather embodied active beings in the world” (WRATHALL, 2006, p. 38)¹⁰, de modo a que essa relação que nos define também defina reciprocamente o mundo. Do ponto de vista geográfico, se trata de *viver* e *sentir* a Terra como força de fazer desses cosmos, lugares.

9 “O que experienciamos ao movermo-nos pelo mundo temporalmente e espacialmente é o desdobramento de uma unidade, os transformativos aspectos de um todo unificado que precede e subscreve minha apreensão particular dele” (WRATHALL, 2006, p.38, tradução livre).

10 “nós não somos primordialmente seres pensantes, mas seres corporificados ativos no mundo” (WRATHALL, 2006, p. 38, tradução livre).

Da mesma maneira, “phenomenologically, place is not the physical environment separate from people associated with it but, rather, the indivisible, normally unnoticed phenomenon of person-or-people-experiencing-place” (SEAMON, 2014, p. 11)¹¹. Como *seres-no-mundo*, é pela experiência coletiva ou individual dos sujeitos que os lugares adquirem substancialidade. Ao (re)ver o mundo a partir do olhar geográfico, é necessário interpretar que ele não é *apenas uma construção simbólica ou material, mas uma unidade relacional sujeito-mundo*.

Besse (2007, p. 14) abarca, a partir da experiência de Petrarca, que “ser no espaço é diferenciar-se indefinidamente de si, e então não se pode falar propriamente de ser, se ser é ser uno”, logo existir no mundo é inseparável da base tópica – espacial – que faz dele parte do mundo. Ser é existir em algum lugar em algum momento, é ocupar um corpo-veículo que permite se posicionar. A consciência *para-si* atua no cosmo mediada pelo corpo *em-si* que dela não se separa.

O mundo vivido “se estabelece a partir do corpo humano, o corpo-de-um-sujeito, o corpo que é o próprio sujeito-como-*cogito*” (HOLZER, 2014, p. 290, grifos no original) que pensa e existe. Pelo contato estabelecido entre vivência e existência por meio das relações corporificadas, é que os sujeitos se fazem enquanto entes em um mundo. De acordo com Merleau-Ponty (1973, p. 62) o corpo é “o meio de saber que existem outros corpos animados; o que significa que seu próprio vínculo com minha consciência é mais essencial, é um liame interior”, de modo a apontar que é esse *cogito* que age e intenciona acerca dos mundos que o cercam, a se relacionar, destarte, com as outras consciências que nele existem.

A corporeidade da consciência é o que faz com que o *ser-no-mundo*, portanto *para-si* e *em-si*, atue efetivamente em um pretense universo vazio de significados e efetive o espaço e os lugares. Nessa intimidade existencial, há reciprocidade entre a atividade consciente do *ser* e a efetividade cognoscível do *mundo*. Como o filósofo Merleau-Ponty (2011) discorre, não é o caso da consciência gestar o mundo, mas dela sempre se encontrar atuante em um mundo e dele fazer sentido, transformando-o em outro cosmo.

Na perspectiva da fenomenologia existencialista do autor, “tudo nos reenvia às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, a esse poder do sujeito sobre seu mundo que é a origem do espaço” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 338). É no devir *ser-no-mundo* que o sujeito (re)cria as espacialidades de sua vida cotidiana. Pelas constantes atribuições de significados aos *seres-em-si* localizados espacial e temporalmente pode-se pensar em um espaço geográfico a partir do ponto de vista do pensamento consciente do sujeito.

Se Gomes (2009, p. 25) indaga “que característica marca a reflexão e a contribuição da geografia no estudo de certos fenômenos?”, também nos cabe perguntar de que modo os geógrafos, como *seres-no-mundo*, alcançam a compreensão desses nexos espaciais dos fenômenos? Se o pesquisador dessa ciência também é dotado de uma existência fundamentalmente espacial, é possível o separar desse espaço para decifrá-lo?

A resposta provocada pela perspectiva humanista se manifesta na possibilidade de constantemente desver o mundo em que se insere para posteriormente revê-lo e desvelar sua espacialidade. Essa postura, como já apontava Dardel (2011, p. 31, grifo no original), “coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização”. No lavar do relacionar-se com a espacialidade primitiva, o sujeito, portanto, faz-se humano justamente pela virtualidade de interação com o mundo em sua geografia existencial.

11 “Fenomenologicamente, lugar não é o meio físico separado das pessoas a ele associado mas, em verdade, o indivisível, normalmente não percebido fenômeno de pessoa-ou-pessoas-experienciando-lugar” (SEAMON, 2014, p. 11, tradução livre).

Holzer (2014, p. 292), a contribuir com a ideia de Dardel (2011), discorre que “a geograficidade, como essência, define uma relação – a relação do ser-no-mundo”, é uma dança constante que se instala no devir do existir. Ao rever o mundo, a geograficidade dos fenômenos pode aflorar à consciência do sujeito-pesquisador a partir do processo de imersão consciente ao mundo. Pela intencionalidade efetivada nessa compreensão, o espaço se desdobra da imaginação geográfica nele projetada.

Como condição espacial de existência no mundo, a geograficidade desdobra a realidade geográfica dos fenômenos a serem explorados. As lógicas mundo-sujeito em fluxo no cosmo relacional que gera o espaço no sentido de Merleau-Ponty (2011) se desvelam como substancialidade de um existir em que o humano ocupa lugar central, mas que não se separa dos elementos *em-si* que o cerca, da realidade geográfica que, por vezes, é a manifestação da opressão dos contextos e situações (DARDEL, 2011). É pela corporeidade inerente da consciência que se faz factível viver o espaço em sua geograficidade.

Experienciar essa geografia significa se abrir para o mundo. É nutrir a inquietação acerca dos componentes das situações em que, como pesquisador e sujeito, se está inserido. Em acordo com essa ideia, Rodaway (2006, p. 268) considera que “fundamentally, the people-centred approach of humanistic strategies means that knowledge, or knowing, is primarily subjective, and subsists in the relationship between researcher and what is researched”¹². Ao se centrar na experiência do próprio ato de pesquisar, o foco no sujeito/ser ocasiona na aceção de que todo conhecimento é resultante de uma inquietação, necessariamente subjetiva do mundo.

Na geograficidade cotidiana da pesquisa enquanto ação consciente e dotada de intencionalidade, o sujeito se projeta rumo ao cosmo de modo a explorar os espaços intersticiais do existir por meio de seu desconforto que se manifesta como interesse científico-curioso. Nesse mergulho rumo ao mundo, “a curiosidade é realmente uma instabilidade, ou seja, a impossibilidade de um repouso verdadeiro” (BESSE, 2007, p. 12), o miolo propulsor para a compreensão de um espaço dotado de complexidades que se abre para a percepção.

Como “a curiosidade caminha junto com um impulso ao novo e ao desconhecido, um desejo de saber e entender o mundo à nossa volta” (MARANDOLA JÚNIOR, 2010, p. 10), é por meio dela que o sujeito/pesquisador se arremessa rumo à imensidão do vazio/mundo e constitui novos significados. É necessário se incomodar com aquilo que já está colocado, com as explicações aceitas, de modo a *desver* o universo cotidiano muitas vezes imposto, para que a curiosidade aflore. Ao atirar os sentidos para aquilo que está para além do proposto e aceito, é possível rever os cosmos em que os humanos se inserem e esboçar caminhos prováveis.

De certo modo, todos os humanos nascem com esses instintos porque, como espécie, a humanidade é uma eterna nômade. Nunca se satisfaz com a conquista intelectual – ainda que limitada, superficial e controversa – de conhecer a Terra e os astros próximos, sempre a buscar ir para além. Como discorreu brilhantemente o físico Sagan (1980), o destino dos seres humanos é uma constante expansão rumo ao desconhecido, pois somos a personificação local de uma forma de autoconhecimento cósmico (SAGAN, 1980). Tomadas em sua relatividade, como já nos retratou Wright (1947), as *terrae incognitae*, de microgeografias ainda não exploradas, são pontos de ignição para a curiosidade geográfica.

12 “Fundamentalmente, a abordagem pessoa-centrica das estratégias humanistas significa que o conhecimento, ou conhecer, é primordialmente subjetivo e se embasa no relacionamento entre o pesquisador e aquilo que é pesquisado” (RODAWAY, 2006, p.268, tradução livre).

Mergulhar rumo à exterioridade cognoscível para decifrar as existências e relações estabelecidas pelos *seres-no-mundo* é, portanto, um ato intencional que deriva da *instabilidade criativa* daquele que pesquisa. É por visar compreender em profundidade determinado fenômeno rumo ao que torna ele um fato, ainda que subjetivo, que o sujeito-pesquisador intenta aventurar-se no cosmo para desbravar as *terrae incognitae*.

Da mesma maneira, Amorim Filho (2007, p. 15, grifos no original) indaga-se: “onde foi parar este espírito de aventura que, desde as origens mais remotas e durante a maior parte de seu desenvolvimento, tem constituído e alimentado o *espírito geográfico*, essencial para o verdadeiro geógrafo?”. Estaria uma proposta de réplica na leitura do espaço a partir da curiosidade de desvelar de suas geograficidades? Consideramos que para entender a existência e condição original do homem com a Terra é fundamental *se perder no mundo*.

É justamente por *ser-no-mundo* que o geógrafo tem a condição de interpretar essa experiência por meio da forma como ela se apresenta para sua consciência e para a consciência do outro. Pela empatia que o pesquisador projeta, ele se aventura na consciência do outro sem perder de vista que, como pondera a reflexão de Merleau-Ponty (2014, p. 41), “de tudo o que vivo, enquanto o vivo, tenho diante de mim o sentido, sem o que não o viveria e não posso procurar nenhuma luz concernente ao mundo a não ser interrogando, explicando minha frequência do mundo, compreendendo-a de dentro”.

Mesmo assim, outros autores ressaltam que “empathy and understanding of unknown/different/distant worlds is never guaranteed and involves emotional labor to glimpse the world through another’s perspective” (ESHUN; MADGE, 2016, p. 6)¹³. É possível, como interpreta Merleau-Ponty (2014), identificar que a prática dessa psiconáutica no mundo alheio, em que o geógrafo mergulha em um mar de significados envolve uma compreensão interna do mundo cotidiano que exige duro trabalho emotivo-social.

Ao adotar uma inclinação de decifrar o cosmo cotidiano a partir do espaço implica-se também entender que, como propõe o geógrafo cultural radical Cosgrove (1998, p. 121), “a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós”. Há elementos de espacialidade e geograficidade nas ações banais da vida hodierna e se propor a manter a atitude de aventurar no espaço implica em também compreender essa geografia inerente à existência.

O entrançamento cotidiano estabelece um mundo de vivências em que o espaço transparece como fundo e resultado das ações cosmo relacionais em que os sujeitos se inserem. Segundo Coates e Seamon (1984, p. 8), o “lifeworld is a person and group’s world of taken-for-grantedness and is normally unnoticed and unquestioned”¹⁴, destarte interconectado às situações tomadas pelos humanos como “banais”. Essa não-perceptividade se desdobra da maneira pela qual os lugares e paisagens se repetem ao longo da vida e passam a ser assumidos como eles são/foram, sem que se reflita efetivamente acerca deles.

Nessa perspectiva fenomenológica existencial, é possível apreender que “há tantas geografias quantas são as percepções do mundo” (GOMES, 2010, p. 327) e, destarte, geógrafos. Como *ser-no-mundo*, o geógrafo deve decifrar a perspectiva e percepção das espacialidades dos sujeitos sem perder de vista suas considerações e sua consciência acerca dos lugares e paisagens abarcados. Seu trabalho não pode se resumir a apresentar a perspectiva do outro, deve relacioná-la à teoria concernente e se posicionar nela.

13 “Empatia e compreensão de mundos desconhecidos/diferentes/distantes nunca é garantida e observar uma lasca do mundo pela perspectiva do outro envolve labor emocional” (ESHUN; MADGE, 2016, p.6, tradução livre).

14 “Mundo vivido é o mundo de elementos tomados-por-garantidos por uma pessoa ou grupo e é normalmente imperceptível e inquestionado.” (COATES; SEAMON, 1984, p. 8, tradução livre)

Como ressalta Marandola Júnior (2016, p. 142), parece “igualmente necessário ao aprofundamento teórico a imersão sem reservas no mundo, a abertura para experiências diversas e o exercício desse ser-e-estar-no-mundo constante, via sentidos”. Ao se projetar na vivência hodierna e experienciar o existir por meio de suas capacidades corporificadas (MARANDOLA JÚNIOR, 2010), o pesquisador deve permitir que sua relação com os mundos que o cercam resultem em autoconhecimento e em uma escrita que supere o descritivismo e as análises “secas” da realidade (ESHUN; MADGE, 2016).

Ter em vista essa geograficidade inerente é se aventurar tanto na pesquisa quanto na prática da Geografia Humanista. É necessário destreinar o olhar viciado proposto pelo pragmatismo científico para se reencantar pelo mundo (ADAMS; HOELSCHER; TILL, 2001) em busca de uma proposta autêntica de pensar o espaço. Toda geografia, como aponta Dardel (2011), é humana porque tem no seu centro um ser humano que pensa, elabora e relaciona os elementos de um espaço que não pensa acerca de si mesmo, que é, fundamentalmente, um *em-si*, cuja existência é respaldada no *ser para-si*, pensante, que a ela atribui significado.

Em se tratando da Fenomenologia Existencialista, principalmente respaldada em Merleau-Ponty (2011), é sempre necessário fazer o apontamento de que as coisas não pensam sobre si mesmas por serem seres *em-si* e não *para-si*, de modo similar à distinção de Parmênides de Eléia acerca do *ser* e *não-ser*. Cabe ressaltar que, conforme o filósofo, “a coisa nunca pode ser separada de alguém que a perceba, nunca pode ser efetivamente em si, porque ela se põe na extremidade de um olhar ou ao termo de uma investigação sensorial que a investe de humanidade” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 429).

Ao ver uma determinada coisa, no sentido fenomenológico (MERLEAU-PONTY, 2001), entende-se que há nela um simbólico que a liga às suas qualidades sensíveis e que é por meio da introjeção do *ser* que se relaciona com ela que ela se transforma em um objeto explorável. Para Merleau-Ponty (2013, p. 134), destaca-se que “a coisa vivida não é reconhecida ou construída a partir dos dados dos sentidos, mas se oferece desde o início como o centro de onde estes se irradiam”, em uma possibilidade constante de diálogo entre coisa-sentido-ser. Na mesma perspectiva, apreende-se que “the phenomenological researcher attempts to view a thing in terms of how it would describe itself if it could speak” (COATES; SEAMON, 1984, p. 7)¹⁵, de modo a se colocar como um explorador curioso que não apenas vê, mas olha, desvela e revê.

Da mesma maneira, para Cosgrove (1998, p. 96), se aventurar é não perder “o sentido de maravilhar-se com o mundo humano, a alegria de ver e refletir sobre o mosaico ricamente variado da vida humana e de compreender sua elegância”. Por meio da proposta de mergulho profundo nas práticas hodiernas em sua geograficidade inerente, cabe ao geógrafo encantar-se para decifrar(-se).

É necessário que o pesquisador se deixe sentir, projete emoções e consiga utilizá-las como maneira de desvelar as espacialidades. Como discorre Gratão (2010, p. 321, grifos no original), “sentir a Terra é *sentir* a chuva na pele, a brisa refrescante no rosto, o sol escaldante dos trópicos em todo o corpo. *Sentir* a paixão que queima o corpo e o coração”. Como a geógrafa propõe, é embaraçar-se como *ser-no-mundo* na aventura de ver o mundo como se fosse novo todas as vezes.

Cabe aprender, como Imazato (2007, p. 517), que “phenomenological geographers should not only reexamine everyday life but also their own common sense backgrounds”¹⁶. Para isso, cabe entender que o pesquisador não se descola como um instrumento que analisa sinteticamente aquilo

15 “O pesquisador fenomenológico busca ver uma coisa nos termos em que essa iria se descrever se ela pudesse falar.” (COATES; SEAMON, 1984, p. 7).

16 “Geógrafos fenomenológicos não deveriam reexaminar apenas a vida cotidiana, mas também suas próprias experiências de senso comum.” (IMAZATO, 2007, p. 517, tradução livre).

que foi feito para abranger, mas é sujeito dotado de experiências, desejos e sonhos. O arcabouço do senso comum, tomado em suas especificidades, também tem significação para a pesquisa científica do ponto de vista humanista.

Na concepção pós-moderna de Almeida (2013, p. 49), “penetrar o invisível, fazer visível o invisível, parecia ser uma habilidade reservada à poesia, à pintura, à escultura etc. A geografia, porém, está demonstrando também ter este dom”. Trata-se de desvelar as intangibilidades do mundo de modo a que seja possível ir para além daquilo que se mostra materialmente e atingir o cerne das espacialidades. Ao geógrafo não basta observar e descrever processos, é fundamental ir para além e imergir nas invisibilidades fenomênicas.

No tratar desse tipo de sensibilidades, Pile (2010, p. 11) ressalta que “gaining a sense of the emotional or affectual experiences and undercurrents of life involves a kind of peeling away of superficial and glib responses”¹⁷. Faz-se importante transitar por indagações e (auto)questionamentos que são pertinentes àquilo que é tido como banal para que se possa chegar ao âmago das questões existenciais que são intangíveis. Na perspectiva de Merleau-Ponty (2012, p. 228),

na experiência do diálogo, a fala do outro vem tocar em nós nossas significações, e nossa fala vai, como o atestam as respostas, tocar nele suas significações, invadimo-nos um ao outro na medida em que pertencemos ao mesmo mundo cultural.

Esse contato-conflito entre as significações do *outro*, que também é *ser-no-mundo* estabelece maneiras de (des)encontros em que os mundos de um tentam anular os mundos do outro até o ponto em que eles se confluem, ao menos parcialmente. Há sempre, no dialogar, uma aproximação e uma autodestruição, o momento posterior é o que revela suas realidades e sentidos existenciais.

Há, também significativa, interlocução de área fronteira sujeito-objeto – indissociáveis para todos os fins – que provoca pesquisador e “pesquisado” a *descascarem* um ao outro reciprocamente. Por vezes, como em Magrane (2015), Cresswell (2012) e Lorimer (2014), a própria experiência individual do pesquisador é elencada como material investigativo para decifrar a realidade geográfica e retroalimentá-la em textos que somam arte e ciência rumo à geopoéticas de lirismo experimental.

Dessa forma, evidencia-se que é necessário permitir que o mundo adentre no existir do sujeito-pesquisador e se estenda para além do âmbito acadêmico para que existam contribuições efetivas no fazer geográfico. Na perspectiva fenomenológica, há sempre reciprocidade mundo-sujeito em que um sempre adentra no outro. O sujeito se insere e se desdobra no mundo, o mundo se adentra no sujeito, pois um não existe sem o outro (MERLEAU-PONTY, 2012). As paisagens hodiernas e exploradas pelo cartesianismo do saber racional não se abrem para além do olhar treinado e viciado se não são vivenciadas por aquele que a tenta decifrar porque também são dotadas de intangibilidades. Não é possível separar os elementos subjetivos e objetivos que permeiam a realidade geográfica explorada pelos geógrafos.

Como provoca atentamente Silva (1986, p. 126), “quando se perde a subjetividade, perde-se, com ela, a objetividade. Por isso, recuperar a objetividade é, antes de mais nada, ter a si próprio como sujeito, como consciência”. É fundamental, destarte, assumir que todo conhecimento é dotado de significativa subjetividade porque brota e é formulado por um sujeito que existe no mundo e é intencional. Para que haja conhecimento *da realidade* é necessário que ele parta da consciência de que ele é *uma perspectiva do real* e não o *real propriamente dito*.

17 “Ganhar um senso das experiências emocionais ou afetivas e subcorrentes da vida envolve uma espécie de descascamento das respostas superficiais e frívolas.” (PILE, 2010, p.11, tradução livre).

É de suma importância que se faça uma geografia humanista que se veja em transcendência ao conhecimento pelo conhecimento, de modo a alçar autoconhecimento(s). Ao visar a compreensão do próprio pesquisador como *sujeito e objeto* da pesquisa junto aos grupos ou indivíduos sociais a serem decifrados é possível construir uma geografia emancipatória que abarca a densidade existencial do espaço.

Rodaway, sobre essa questão, pondera que “the researcher is always and already embedded in the world he/she studies and this study impacts on one’s own sense of self, as well as one’s understanding of the world” (RODAWAY, 2006, p. 263)¹⁸. Pesquisar, dessa maneira, é uma forma de se encontrar no mundo. Explorar as geograficidades relacionais do mundo cotidiano é abrir-se para *ser e estar*, de modo a conduzir um conhecimento que seja relevante.

Afinal, se “we are existentially dependent on *being-in-the-world* for any sense of self, other, ego-identity, or even alienation” (LARSEN; JOHNSON, 2012, p. 639, grifo nosso)¹⁹, é necessário que haja uma reciprocidade constante na atividade de pesquisa. Se há o intento de decifrar as espacialidades dos seres, sujeitos, mundos e lógicas que cercam os seres humanos, também deve haver um esforço contínuo para a compreensão do pesquisador-ser-no-mundo.

Na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, “não é sabe-se lá qual retraimento que nós descobriremos: é na estrada, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens” (2014, p. 57). Ou seja, é ao se relacionar e experienciar o mundo entre humanos que o ser se faz em seu devir e, destarte, o pesquisador. Para compreender sua situação e produzir conhecimento acerca de outras realidades geográficas, é fundamental se autoconhecer. Na condição da potencialidade de um conhecimento emancipador e crítico da e na realidade, é basilar se entender *no mundo para ler o espaço*.

(Des)Caminhos “finais”

Transcendente ao dogmatismo científico-racionalista e ao pragmatismo vigente em algumas das perspectivas da Geografia do século XX, a alvorada do século XXI emerge como um contexto de multiplicidade teórico-metodológica. Desta maneira, diferentes elementos são privilegiados pelas abordagens e permitem pesquisas diversas nessa ciência.

No crescente protagonismo da Geografia Humanista, cabe compreender que suas perspectivas pautadas na fenomenologia possibilitam diversos entendimentos acerca das espacialidades humanas. Como ser condenado à sua própria liberdade, já apontaria Sartre (2014) e Merleau-Ponty (2011; 2014), o humano constrói sua essência por meio do existir. Pelo diálogo com o conceito de mundo dos fenomenólogos, é evidente que a imersão ao mundo cotidiano é proveitosa para o autoconhecimento do geógrafo como *ser-no-mundo*, que não é separado do sujeito e/ou objeto que estuda.

Por meio da alquimia conceitual gestada pelo retorno de alguns elementos da Geografia clássica em contato com o aporte dos fenomenólogos, são mapeados caminhos de pesquisa profícuos. Retoma-se o *espírito geográfico* para dele partir para investigações em que as subjetividades e intencionalidades das consciências que formam o espaço a ser lido por meio das consciências que nele se projetam ou (re)criam.

18 “O pesquisador está e é sempre emaranhado no mundo em que ele/ela estuda e essa pesquisa impacta no seu próprio sentido de ser, assim como na sua compreensão do mundo” (RODAWAY, 2006, p.263, tradução livre).

19 “Nós somos existencialmente dependentes de *ser-no-mundo* para que haja qualquer sentido de eu, outro, ego-identidade ou mesmo alienação.” (LARSEN; JOHNSON, 2012, p.639, tradução livre, grifo nosso).

Por essa ponderação, rever o mundo implica em criar um novo modo de pesquisar e entender os sujeitos pesquisados – e o próprio pesquisador – em que questionários positivistas tradicionais não são suficientes. Logo, valorizam-se interpretações mais delongadas como trabalhos com histórias de vida ou diálogos sem roteiros pré-estabelecidos, a transformar a prática de campo em algo dotado de espontaneidade e efetivas reciprocidades.

Também se tem como impreterível a exploração de abordagens experimentais de escrita acadêmica, como os trabalhos de Magrane (2015), Cresswell (2012), Lorimer (2014), Gratão (2010) e Marandola Júnior (2016). A escrita lírico-sensível de explorações geopoéticas parece-nos ser uma alternativa e lufada de vivacidade para a Geografia Humanista contemporânea. Nesse fértil diálogo entre realidade geográfica e arte, há sementes para conhecimentos que possam reestabelecer sentidos de humanidades para as espacialidades.

Explora-se, destarte, uma ciência que se permite sonhar e caminhar para um autoconhecimento que se sobrepõe a arrogância ou impositividade metodológica pela via da sensibilidade e subjetividade. Se entender como *ser-no-mundo* é compreender a transitoriedade e se encantar com a possibilidade de (re)ver o mundo todos os dias, seja na prática ativa ou passiva de pesquisar. É ser geógrafo para além do gabinete e compreender que as paisagens e lugares “banais” ou cotidianas são tão importantes quanto o trabalho teórico-conceitual.

Se trata de evidenciar que em um planeta progressivamente linearizado pelo avanço de técnicas, tecnologias e digitalidades, ainda é possível evidenciar aquilo que concerne à condição humana. Presos no pedaço de poeira cósmica que é a Terra, os humanos conseguiram acumular conhecimento relevante sobre alguns dos macroprocessos biológicos, químicos e físicos (SAGAN, 1980), mas no que se relaciona ao sentido do existir ainda há muito que ser constantemente desvendado.

Se a Geografia é a ciência que estuda o habitar humano (TUAN, 2013), ponderamos que experienciar o cosmo rumo a outros entendimentos acerca do que é ser humano e existir *em algum lugar*, com toda a densidade que essa proposição traz é uma via da Geografia Cultural. Para praticar uma geografia que é aventura, que parte da curiosidade espacial, que revê o mundo para compreender o espaço, basta se perder nos trilhos da geograficidade.

Referências

- ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. (2001) Place in Context: Rethinking humanist geographies. In: ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. (Orgs.) *Textures of place: exploring humanist geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, p. xiii-xxxiii.
- ALMEIDA, M. G. (2008) Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural. *Geonordeste: revista da pós-graduação em Geografia*. São Cristóvão, p.33-53.
- ALMEIDA, M. G. (2013) A propósito do Trato do Invisível, do Intangível e do discurso na Geografia Cultural. *Revista da ANPEGE*, v. 9, n. 11, p. 41-50.
- AMORIM FILHO, O. B. (2007) A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. In: KOZEL, S. et. al. (orgs.). *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem, p. 1-22.
- BACHELARD, G. (2008) *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BESSE, J. (2007) *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Labur.
- BUTTNER, A. (1993) *Geography and the human spirit*. Harrisonburg: The Johns Hopkins University Press.
- CLAVAL, P. (2014) *Epistemologia da Geografia*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- CRESSWELL, T. (2012) Geographies of poetry/poetries of geography. *Cultural Geographies*, v.21, n.1, p.141-146.
- COSGROVE, D. (1998) A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 93-122.
- COATES, G. J.; SEAMON, D. (1984) Towards a Phenomenology of Place and Place-Making: Interpreting Landscape, Lifeworld and Aesthetics". *Oz*, v.6, n.1, p. 6-9.
- DARDEL, E. (2011) *O Homem e a Terra*. São Paulo: Perspectiva.
- ENTRIKIN, J. N.; TEPPLE, J. H. (2006) Humanism and democratic place-making. AITKEN, S.; VALENTINE, G. (Orgs.) *Approaches to Human Geography*. London: SAGE Publications, p. 43-41.
- ESHUN, G.; MADGE, C. (2016) Poetic world-writing in a pluriversal world: a provocation to the creative (re)turn in geography. *Social & Cultural Geography*. v.7, n. 3, p. 1-9.
- GOMES, P. C. C. (2009) Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, F.; et.al. (Orgs.). *Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina, p. 13-30.
- GOMES, P.C.C. (2010) *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- GRATÃO, L. H. B. (2010) Por entre becos & versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. IN: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. *Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, p. 297-328.
- HOLZER, W. (1999) O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, nº7, p. 67-78.
- HOLZER, W. (2008) A Geografia Humanista: uma revisão. *Espaço e cultura*, Edição Comemorativa, p. 137-147.
- HOLZER, W. (2014) Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E; HOLZER, W.; LÍVIA, O. *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva.
- IMAZATO, S. (2007) Rethinking the Humanistic Approach in Geography: Misunderstood Essences and Japanese Challenges. *人文地理* (Japanese Journal of Human Geography), v.59, n.6, p. 508-532.

- LARSEN, S. C.; JOHNSON, J. T. (2012) Toward an open sense of place: Phenomenology, affinity, and the question of being. *Annals of the Association of American Geographers*, v.102, n.3, p. 632-646.
- LORIMER, H. (2014) Homeland. *Cultural Geographies*, v.21, n.4, p.5 83-604.
- MAGRANE, E. (2015) Situating Geopoetics. *GeoHumanities*, v.1, n.1, p. 86-102.
- MARANDOLA JÚNIOR, E. J. M. (2010) Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. *Geosul*, v. 25, n.49, p. 7-26.
- MARANDOLA JÚNIOR, E. J. M. (2016) O imperativo estético vocativo na escrita fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*. v. 22, n.2, p. 140-147.
- MERLEAU-PONTY, M. (1973) *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo: Saraiva.
- MERLEAU-PONTY, M. (2011) *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- MERLEAU-PONTY, M. (2012) *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac Naify.
- MERLEAU-PONTY, M. (2013) *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify.
- MERLEAU-PONTY, M. (2014) *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- PILE, S. (2010) Emotions and affect in recent human geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*. Royal Geographical Society, n.35, p. 5-20.
- RODAWAY, P. (2006) Humanism and people-centered methods. AITKEN, S.; VALENTINE, G. (Orgs.) *Approaches to Human Geography*. London: SAGE Publications, p.263-272.
- SAGAN, C. (1980) *Cosmos*. New York: Ballantine Books.
- SARTRE, J. (2014) *O existencialismo é um humanismo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- SEAMON, D. (2014) Place attachment and phenomenology: The synergistic dynamism of place. In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (Orgs.) *Place Attachment: advances in theory, methods and applications*. Abingdon: Routledge, p.11-22.
- SILVA, A. C. (1988) *O espaço fora do lugar*. São Paulo: Hucitec.
- TUAN, Y. (2013) *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: EdUel.
- TUAN, Y. (1982) A Geografia Humanística. In: CHISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, p.143-164.
- WRATHALL, M. A. (2006) Existential Phenomenology. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (Orgs.) *A companion to phenomenology and existentialism*. Malden: Blackwell Publishing, p.31-47.
- WRIGHT, J. K. (1947) Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v.37, p.1-15.